



OS DISCURSOS SOBRE A AIDS NO JORNAL O DIA  
Israel Severo da Paz FILHO<sup>1</sup>  
Paulo Fernando de Carvalho LOPES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

## RESUMO

O artigo objetiva fazer uma análise de discursos sobre a AIDS nas matérias do jornal impresso O Dia, utilizando os conceitos de ideologia e poder como principais norteadores metodológicos. O foco da análise é a construção discursiva sobre os portadores do vírus HIV, identificada através das marcas e inferências textuais presentes nas matérias analisadas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Discursos, AIDS, ideologia, poder, jornal O Dia.

## 1-INTRODUÇÃO

As matérias que foram objeto de análise neste artigo são parte do material da pesquisa intitulada Mídia, Saúde e Poder - Os discursos circulantes nos jornais teresinenses<sup>3</sup>, cujo corpus é constituído por todas as matérias sobre saúde dos três principais jornais impressos teresinenses do ano de 2005. As matérias que constam neste artigo pertencem à categoria saúde pública (campo constituído pela responsabilidade do Estado em evitar doenças, e através da organização de serviços médicos e para-médicos garantir um padrão de vida adequado á manutenção da saúde na sociedade).

Dentro da saúde pública, essas matérias pertencem à subcategoria Doenças-Campanhas-Epidemias (Subcategoria que compreende matérias que tratam acerca de doenças e epidemias de caráter público, que dizem respeito à saúde da coletividade por sua transmissibilidade ou impacto generalizado). Seus títulos são: ‘Casos de Aids no

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFPI, email: [israelsdpf@hotmail.com](mailto:israelsdpf@hotmail.com)

<sup>2</sup> Orientador, Professor do Curso de Jornalismo da UFPI, email: [pafecalo@ufpi.br](mailto:pafecalo@ufpi.br)

<sup>3</sup>Título da pesquisa, orientada pelo Prof. Dr.Paulo Fernando de Carvalho Lopes, realizada no período 2006-2007



Piauí dobraram nos últimos 6 anos’(02 de dezembro de 2005), Piauí possui mais de 2 mil casos notificados de AIDS(26 de novembro de 2005), Campanha contra a AIDS: a luta contra o preconceito (28 de novembro de 2005), ‘Casos de HIV chegam a 40,3 mi no mundo, diz ONU’- ‘América Latina já tem 1,8 mi de soropositivos’(21 de novembro de 2005).

O Jornal O Dia, de Teresina-Piauí, tem periodicidade diária, formato standard, e aproximadamente 57 anos de história. O preço de seu exemplar semanal custa \$ 2,00(dois reais) e o de domingo custa \$ 2,50(dois reais e cinquenta centavos). Seus cadernos se dividem em: Primeiro Caderno, Dia a dia, Torquato e Classificados. Os suplementos são o Domingo, Metrôpole e Super TV. As editorias se subdividem em arte e lazer, Cidades, Economia, Educação, Esportes, Internacional, Nacional, Política, Polícia, Saúde e Variedades. Ele é o mais antigo da cidade, o que significa que este veículo vem atuando há mais tempo como espaço semiológico de discursos sociais concernentes á sociedade piauiense.

Para os teóricos da análise de discurso, a mídia é uma instância que, no interior do espaço público, é dotada de competências específicas e atua como dispositivo de construção da realidade. Isto porque o processo de visibilidade que as mídias dão às diferentes falas passa por um conjunto de “leis” e condições de produções internas do mundo das tecnoculturas das próprias mídias.

As experiências do cotidiano e das instituições são progressivamente mediatizadas por instâncias que permitem o alargamento da legitimidade e visibilidade dos discursos. Evidentemente que diferentes discursos não dependem do campo das mídias para sua existência, mas encontram nelas a instância de consolidação de sua respectiva estruturação enquanto portadores de saberes.

A interação da mídia com esses discursos permite a formação do espaço público, bem como a constituição dos seus atores e processos discursivos. Mas, por outro lado, assinalam igualmente o destaque para o campo das mídias como, possivelmente, o operador fundamental responsável por essa articulação, daí se originando sua tarefa mediatizadora. Essa tarefa não se faz numa circunstância na qual as mídias se instituiriam por uma passividade, logo, os textos jornalísticos são resultados de processos singulares de apropriação da linguagem por um sujeito, que por sua própria conta e risco, conduz sua enunciação e construção da verdade.

Nesses termos, pode-se dizer que as mídias se constituem num lugar que realiza, em certas condições determinadas, tarefas que lhe são confiadas pelas ações prévias



implementadas por outros atores e instituições. Em outras palavras, as mídias são lugares de passagem daquilo que a sociedade produz discursivamente.

## **2-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Pinto(1999) define o ideológico num texto pelas marcas ou traços que as regras formais de geração de sentidos deixam na superfície textual. O analista de discursos deve encontrar e interpretar o ideológico que transparece sobre a forma de pré-construídos, que são inferências e pressuposições que o coemissor faz, interligando frases e partes do texto a um mundo. Essas inferências e pressuposições são atribuídas ao ‘bom senso’ compartilhado socialmente pelos participantes no evento comunicacional.

Esse inter-contexto consensual, assim como as regras formais de investimento, contribuem pra sustentar, de modo direto ou indireto, relações de poder desiguais, relativas às diferenças sociais entre os participantes do evento. Nem sempre o ideológico se liga de imediato ao bom senso interpretativo, já que relações de poder estão sempre em jogo em qualquer processo interacional, e muitas vezes o ideológico adquire seu status no curso de embates discursivos pelo consenso.

Na concepção adotada, o ideológico é uma dimensão necessária de todos os discursos, responsável pela produção de qualquer sentido social, os da ciência inclusive; e também um repertório de conteúdos, opiniões, atitudes ou representações - pois o ideológico é principalmente um mecanismo formal de investimento de sentidos em matérias significantes.

A segunda dimensão da semiose social é o poder. De maneira intuitiva, sabe-se que o poder está em jogo em qualquer interação comunicacional, de modo explícito como objeto em disputa, o que forjou o lugar comum ‘dar a última palavra’, ou de modo implícito, como regras que somos obrigados a seguir para a interação ser bem sucedida.

Verón (1978) liga a problemática do poder nos discursos a seu consumo, etapa final de circulação dos sentidos sociais. Para ele, a ‘noção de poder’ de um discurso não pode designar outra coisa senão os efeitos desse discurso no interior de um tecido determinado de relações sociais, e esses efeitos só podem ter a forma de outra produção de sentido. Toda produção discursiva, um pouco paradoxalmente, é assim o resultado de um processo de consumo ou reconhecimento de outros discursos e vice-versa, o que nos remete á intertextualidade e á retórica aristotélica.



Para que esses efeitos de sentido possam ser recuperados em uma análise, demonstrando que tal discurso veiculado pela mídia teve efetivamente alguma espécie de poder sobre os receptores, é necessário que eles tomem a forma de sentidos produzidos, investidos em textos como conversas, gestos, comportamentos, dados de pesquisas, etc., que definem por sua vez determinadas relações e identidades sociais assumidas por esses receptores (agora emissores), as quais são então devolvidas o tecido infinito da semiose social.

O poder, para a análise de discursos, é assim uma dimensão analítica, e não o poder concreto, único, que domina tudo e todos de cima para baixo, e que saindo da esfera pública se imiscui nos interstícios da esfera privada, imutável e monopolítico, qualquer que seja o nome que receba.

Na análise deste artigo, identificou-se os pré-construídos e as relações de poder existentes no processo interacional, apontando-se os discursos reconhecidos como hegemônicos e subordinados. Isso com a noção de que cada discurso faz parte de uma ideologia ou formação ideológica.

### **3-HIPÓTESES**

Trabalha-se com a hipótese de que o Jornal O Dia constrói um perfil do portador do vírus HIV, cujo estereótipo seria o negro, de baixa renda e de diversa orientação sexual.

### **4- DESENVOLVIMENTO**

As matérias analisadas possuem datas próximas ao dia 1 de dezembro, que é o dia mundial da luta contra a AIDS. Supõe-se que a data foi provavelmente o pretexto motivador que concentrou essas matérias no eixo dos meses novembro-dezembro. É necessário acrescentar que, em 2005, o tema escolhido para a data foi “AIDS e o Racismo”, que por sua vez pode ter sido determinante nos discursos apresentados pelo Jornal O Dia.

Um primeiro enfoque de análise refere-se a trechos das matérias relacionadas com a conexão AIDS e raça:



“Dados do Ministério da Saúde apontam ainda que os números de casos de HIV positivo estão aumentando nas pessoas negras e pardas. (...) Além disso, a população negra representa 47,3% da população brasileira, sendo que este contingente representa 65% da população de baixa renda do país, que estão atualmente entre os mais afetados pelo HIV (Jornal Dia, 02 de dezembro de 2005- Casos de Aids no Piauí dobraram nos últimos 6 anos)

“Segundo o Supervisor de doenças sexualmente transmissíveis da Secretaria Estadual de Saúde, Nelson Muniz, a escolha desse tema reflete uma demanda que foi percebida desde o ano passado, quando o Ministério da Saúde passou a incluir a questão da raça e cor como dados para o levantamento epidemiológico dos casos de AIDS. A partir do Boletim epidemiológico de 2004, o que o Ministério percebeu foi que houve um aumento significativo no número dos casos de AIDS na população negra e entre os pardos”(…) “Foram várias as ações afirmativas de combate à AIDS entre a população negra, sendo que neste segundo semestre, o Ministério lançou um programa de financiamento de projetos cujo público alvo seja a população parda ou negra”(O Dia- 26 de novembro de 2005- Piauí possui mais de 2 mil casos notificados de AIDS)

“O Dia mundial de luta contra a Aids tem como tema no Brasil a Aids e o Racismo. Este tema foi escolhido partindo da perspectiva de que a população negra nunca foi alvo de campanhas de prevenção e ela representa 47,3% da população brasileira, segundo o IBGE”(O Dia, 28 de novembro de 2005- Campanha contra a Aids: a luta contra o preconceito)

É notória a utilização do discurso da estatística para legitimar o pré-construído que coloca os negros e pardos como os mais presentes entre os soropositivos. O recurso dos números nos remete a uma lógica do “inquestionável”, já que são dados “oficiais” e aparentemente isentos de deturpações ou preconceitos. Há uma relação traçada entre a cor da pele e a condição social, o que estigmatiza o preto-pobre, culturalmente discriminado na sociedade brasileira. A AIDS, uma doença sexualmente transmissível, quando atribuída com predominância a uma determinada parcela da população, reforça o pré-construído já existente sobre os negros.



A estatística infere uma relação de poder que “dá a última palavra” no processo interacional, já que traz o efeito de sentido da ‘constatação’, dando a certeza de que os negros são inexoravelmente, maioria entre os portadores do vírus.

A seguir, estão presentes os trechos referentes à relação AIDS - condição social

(...) A Aids está indo cada vez mais para as periferias, atingindo cada vez mais as pessoas menos abastadas.(...) (Casos de Aids no Piauí dobraram nos últimos 6 anos’- Jornal Dia, 02 de dezembro de 2005)

”Essa representatividade aumenta quando verificamos que ela representa 65% da população de baixa renda.”. ”No Brasil, apesar da tendência de estabilização da epidemia, os casos de Aids vêm aumentando entre a população mais pobre, quando a população negra encontra-se em maior proporção” (O Dia, 28 de novembro de 2005, ‘Campanha contra a Aids: a luta contra o preconceito’)

Estabelecendo uma relação de causa e efeito com os trechos pertencentes à relação AIDS - raça, os recortes acima associam a condição sócio-econômica dos soropositivos, descritas como “menos abastadas”, com as pessoas negras. A utilização de vozes oficiais é o mecanismo que legitima o pré-construído de que a AIDS está crescendo na população de baixa renda.

Se considerarmos o discurso hegemônico de que o brasileiro tem certo preconceito com a figura do ‘pobre’, estabelece-se uma relação de sentido com o quesito AIDS - condição social. Logo, a condição social, sendo um dos requisitos para adquirir AIDS, se relaciona com a suposta irresponsabilidade dos soropositivos. Irresponsabilidade que teria suas razões na suposta ignorância e falta de esclarecimento desta parcela da população. A mídia atua como espaço legitimador de um discurso que segrega a população de baixa renda.

Em seguida, encontra-se à presença da sexualidade no discurso da AIDS:

“A coordenadora também destaca que o número de casos está aumentando entre as mulheres que possuem apenas um parceiro sexual e entre os



**bissexuais**”(‘Casos de Aids no Piauí dobraram nos últimos 6 anos’- Jornal Dia, 02 de dezembro de 2005)

“O relatório destaca também que, em quase todos os países latino-americanos, os maiores níveis de infecção pelo HIV são registrados nos homens que tem relações sexuais com outros homens (2% a 28% em diferentes regiões). (O Dia, 21 de novembro de 2005, ‘Casos de HIV chegam a 40,3 mi no mundo, diz ONU’- ‘América Latina já tem 1,8 mi de soropositivos’)

“ Os indicadores relacionados á sexualidade mostram que no Piauí a infecção aconteceu principalmente em heterossexuais com parceiros de risco indefinido e em bissexuais que consomem drogas”(O Dia, 28 de novembro de 2005, ‘Campanha contra a Aids: a luta contra o preconceito’)

No quesito sexualidade e AIDS, o discurso da estatística é usado para mascarar a associação preconceituosa da doença com pessoas de diversa orientação sexual ( não heterossexuais). Os números atestam que bissexuais e homossexuais possuem um maior risco de serem soropositivos, em função de sua condição particular. Vide o pré-construído social que marginaliza essas pessoas, constata-se uma postura jornalística conveniente e reprodutora de sentidos já consensuados na sociedade.

A cultura brasileira tem um posicionamento bastante agressivo com aqueles que possuem diversa orientação social. O deboche, o desprezo, são perceptíveis em novelas, programas de TV, instituições religiosas, e em muitas outras vozes da sociedade. A associação da AIDS com a diversa orientação sexual seria apenas um mecanismo para realçar de forma mais intensa a não-aceitação da opção daqueles que optam por não seguir o convencional (heterossexualismo). É possível afirmar que essa associação discursiva pode causar o efeito preventivo (se tornar homossexual ou bissexual traz automaticamente o risco de adquirir AIDS), intimidando e servindo de aviso á aqueles (a) que estejam pensando em serem dissonantes com o pensamento hegemônico.

A foto abaixo pertence à matéria ‘Campanha contra a AIDS- a luta contra o preconceito (28 de novembro de 2005):



Esta fotografia tenta representar, a princípio, a luta contra o preconceito racial, por mostrar um homem branco abraçando um homem negro. Porém, a imagem é carregada de sentidos que dão aberturas para diversas interpretações. Observando-se mais atentamente, a posição dos dois homens pode representar uma suposta relação sexual homossexual. A expressão no rosto do homem branco, que infere uma sensação de prazer, em conjunto com a posição das mãos, que se entrelaçam, podem ser elementos que associem à AIDS (tema central da matéria) a esta orientação sexual.

Trabalhando nesta hipótese, uma foto que sugere uma relação homossexual numa matéria sobre a AIDS e o preconceito racial, acaba por trazer a tona discursos presentes nesta e nas outras matérias sobre a AIDS. Isto porque o pré-construído existente na relação AIDS - sexualidade é confirmado no desenrolar do texto: “ Os indicadores relacionados à sexualidade mostram que no Piauí a infecção aconteceu principalmente em heterossexuais com parceiros de risco indefinido e em bissexuais que consomem drogas”.

Obviamente que não é descartável a hipótese de que o fotógrafo possa não ter tido a intenção de causar esse sentido, contudo, o somatório de evidências



(convergências das outras matérias sobre AIDS que antecedem e sucedem esta, presença de marcas no discurso no texto, elementos figurativos suspeitos na foto) direciona o sentido da imagem, que em vez de representar a proposta inicial da matéria ( a luta contra o racismo), reforça discursivamente os discursos segregadores que compuseram a relação entre AIDS, sexualidade e raça.

## **CONDIRERAÇÕES FINAIS**

Os dados obtidos por pesquisas ou pelo Ministério da Saúde não deixam dúvidas: A população negra e de baixa renda é a mais atingida pela AIDS. Interessante notar que o discurso da AIDS é reflexo de um pré-construído social: O racismo e a relação entre pobreza e cor da pele são resultados de um processo histórico no Brasil.

A miscigenação de raças não impediu a formação de posturas sociais preconceituosas, que tem raízes no tempo da escravidão e ocasionaram a marginalização do negro como pobre, bandido e ‘excluído’ na sociedade.

No Jornal O Dia, os discursos da AIDS não constroem o “preto-pobre” depreciando declaradamente a raça. Mas considerando que a AIDS é uma doença sexualmente transmissível, e existe um pré-construído social que classifica o soropositivo como irresponsável, ignorante, e desprovido de cuidados; atribuir á população negra e de baixa renda o maior número de incidências da doença contribui para reforçar um discurso segregador para com este grupo social.

A mídia atuou como legitimadora de um discurso social repleto de preconceitos e raízes histórico-culturais. Isso utilizando dispositivos teoricamente ‘seguros’, como números e resultados de pesquisas.

No quesito da sexualidade, é interessante notar que as marcas dos discursos que associam a AIDS com o bissexualismo ou homossexualismo também possuem raízes em pré-construídos sociais oriundos de preconceitos. É “consensual” a discriminação sofrida na sociedade por pessoas de orientação sexual diversa da heterossexual. Numa cultura machista e homofóbica, a veiculação de informações que pressupõem uma relação entre AIDS e liberação sexual infere uma relação causa e efeito na escolha de outra orientação sexual e ter AIDS. O mecanismo usado para a legitimação do discurso é a estatística e a mobilização de vozes oficiais.

Conclui-se, após esta análise, que os discursos sobre a AIDS no Jornal O Dia são impregnados de elementos provenientes de pré-construídos sociais, usando o Jornal de



mecanismos que legitimam os discursos hegemônicos na sociedade. O preto, pobre e de distinta orientação sexual é estigmatizado pelo Jornal como vítima ‘principal’ da AIDS.

## **5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. São Paulo: Martas Fontes, 1992.

PINTO, M. J. Comunicação, cultura e violência urbana Semiosfera: Revista de Comunicação e Cultura, ano 3, n. especial,dez 2003 Disponível em: [http://www.ufrj\\_eco.com](http://www.ufrj_eco.com). Acesso em 7 de abr.2004

\_\_\_\_\_. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho. Corpos (En)Cena: A construção do discurso midiático sobre a noção de saúde a quatro anos do século XXI 152 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). in: Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas: (19): 25-42, jul./dez. 1990.

FAUSTO NETO, Antônio. Comunicação e Mídia Impressa. Estudo sobre a AIDS. 1999.